

Despoblación, Envejecimiento y Territorio - As questões do despovoamento e do envelhecimento revistas na Universidade de León

Paula Remoaldo

Professora Associada, Universidade do Minho, Departamento de Geografia
[premoaldo@geografia.uminho.pt]

Tendo por base uma reunião científica celebrada na Universidade de León em Setembro de 2008, organizada pelo Grupo de População da Associação de Geógrafos Espanhóis (A.G.E.), foram publicadas, em 2009, as Actas do décimo Congresso, intitulado “Despoblación, Envejecimiento y Territorio”, coordenadas por Lorenzo López Trigal, António Abellán García e Dirk Godenau. A publicação, de 831 páginas, que se reparte por 60 trabalhos apresentados, de 21 Universidades Espanholas, revela o dinamismo deste grupo de trabalho, presidido, entre 2004 e 2008, pelo Professor Doutor Vicente Gozávez Pérez.

O interesse da publicação reside sobretudo nos enfoques enunciados por cientistas das Ciências Sociais, das Ciências da Saúde e das Letras, facto que é pouco usual acontecer em Portugal no seio dos Congressos realizados neste domínio. No caso português a entidade congénere é a “Associação Portuguesa de Geógrafos” (A.P.G.), que não possui Grupos de Trabalho, cuja resposta poderá ser encontrada na pequena comunidade de geógrafos existente em Portugal.

O facto do Grupo de População da A.G.E. reunir bianualmente e prever no evento uma

mesa redonda com cientistas de vários domínios (e.g., Geógrafos, Sociólogos, Economistas, especialistas da Administração Sanitária) emite uma vontade de analisar estes importantes fenómenos sociais de uma forma completa.

A publicação incide no envelhecimento e despovoamento a diversas escalas, porque constituem temáticas visíveis e preocupantes no território onde se insere a Universidade de León, pretendendo avançar com respostas para alcançar uma sociedade mais equilibrada no seu bem-estar actual e futuro.

Outro aspecto interessante é o facto da Conferência principal ser desenhada por um novelista, atento à complexidade humana e às representações que os seres humanos fazem do mundo. Na sua perspectiva, é curioso que *a veces con la civilización y el progreso dejamos de lado complejidad y adquirimos complicaciones, y ahora parece que somos unos seres humanos en muchísimos aspectos más complicados y contradictorios* (Díez, L.M., 2009: 20). Esta afirmação enquadra-se no título que escolheu: “Territorios Imaginarios y Espacios del Silencio y del Olvido”, tratando-se de um novelista cujo espaço narrativo diz respeito ao espaço da província.

Relembra que, há muitos anos atrás, o provincial era provinciano e que havia um grande descrédito nos “pequenos espaços” que se contrapunham aos espaços cosmopolitas e considerados universais (Díez, L.M., 2009: 22). Gostámos particularmente da afirmação de que *Ese era el camino para construir en unos espacios más pequeños, lo que es un universo que intentaba ser muy ambicioso y muy poderoso. Ese era el camino para construir este tipo de geografías imaginarias y las geografías menos imaginarias tiene que ver con esta necesidad que uno tiene, no con un prurito, sino como una necesidad de ser dueño de un territorio* (Idem: 24).

A publicação divide-se em quatro sub-temas:

- I - Transformaciones recientes de las estructuras poblacionales;
- II - Envejecimiento, población mayor y territorio;
- III - Despoblación y reconfiguración territorial;
- IV - Aplicación de metodologías de análisis espacial.

No primeiro sub-tema, quase todo centrado na problemática da imigração estrangeira em vários territórios, sobressai o texto de Dirk Godenau (“Transformaciones recientes de las estructuras poblacionales”, pp. 31-54), que insistindo na questão da estrutura em termos populacionais, recorda que em sistemas abertos e de intensa mobilidade interior, as migrações (dos três determinantes directos das estruturas – migrações, natalidade e mortalidade), detêm particular importância na modificação das estruturas a curto prazo.

À escala local este facto torna-se mais evidente, porque as migrações estão implicadas no processo de criação de novos

espaços urbanizados e a modificação da distância espacial da população articula-se através da sua mobilidade migratória (p. 33). O texto possui um gráfico interessante, intitulado *Canales de transmisión desde la situación demográfica hacia la realidad social* (p. 37), considerando os efeitos “contables” (de tamanho, de velocidade, de estrutura, de distribuição) e os efeitos de comportamento (de composição, de coorte, de rendimento, de preferências) quando se consideram os efeitos de uma determinada situação demográfica.

Continua lembrando quais são as principais tendências e os perfis mais frequentes (p. 40), com particular chamada de atenção para a importância da imigração para a modificação das estruturas populacionais espanholas e para o crescimento demográfico (factor mais determinante). Chama a atenção para o facto da imigração estrangeira se caracterizar por padrões de elevada concentração espacial, que se diferenciam consoante a procedência dos imigrantes. É clara a segregação residencial entre os segmentos da imigração comunitária e da extra-comunitária. Enquanto a primeira está muito relacionada com motivos de ócio e de vizinhança das principais áreas turísticas, a segunda dirige-se aos mercados locais de trabalho com oportunidades de emprego nos sectores e actividades que predominam na inserção laboral dos imigrantes extra-comunitários (determinado tipo de serviços, construção, agricultura intensiva - p. 41). Também se denotam dicotomias no tipo de residência e na sua localização. Assim, entre os imigrantes extra-comunitários é mais usual o apartamento alugado e geralmente nas aglomerações urbanas, perto do lugar de trabalho. Os imigrantes comunitários tendem a ter uma vivenda unifamiliar, localizada fora

das principais aglomerações urbanas, devido à busca de qualidade em termos ambientais.

O efeito das migrações na estrutura da população está também presente no artigo “Efectos de las migraciones en la estructura por edad y sexo de las áreas residenciales” (pp. 125-136), por Carmen Carvajal Gutiérrez, insistindo na imigração e circunscrevendo-se à província de Málaga.

Apresenta particular interesse o texto de Carlos Cortés Samper e Ana Espinosa Seguí (pp. 137-147), intitulado “Cambio de residencia desde las zonas litorales hacia los municipios rurales de la montaña de Alicante. Motivaciones y condicionaes de vida de la población jubilada europea”. Comprova que a massificação progressiva do litoral da província de Alicante contribuiu para a perda de atractivo para alguns dos residentes europeus (maioritariamente reformados do Norte da Europa) nos municípios costeiros, optando pelo meio rural, onde a tranquilidade e o contacto com a natureza são factores a considerar.

No segundo sub-tema (“Envejecimiento, población mayor y territorio”) podemos destacar o texto de Ricard Gènova Maleras (pp. 333-345) que se preocupa com o “Presente y futuro de la longevidad de la población española en el contexto de los países con alta esperanza de vida”. O autor utiliza como principal fonte a *Human Mortality DataBase* (HMDB), da Universidade de Berkeley (Califórnia), que possui dados sobre 36 países, maioritariamente europeus, além do Canadá, dos E.U.A., do Japão, da Tailândia, da Austrália e da Nova Zelândia. Depois de provar que foi a partir de 1970 que se acentuou extraordinariamente o

número de pessoas que morrem com 100 ou mais anos de idade (p. 335), analisa o estado de saúde das pessoas idosas, referindo o preço a pagar pela longevidade: as doenças não transmissíveis e degenerativas. Evitar uma morte em pessoas idosas (aumentando a esperança de vida e a longevidade) pressupõe também um incremento da prevalência de pessoas com doenças crónicas (p. 340). No caso da população espanhola sobressaem as doenças neuropsiquiátricas, as do aparelho circulatório, os tumores e as respiratórias (por esta ordem de importância), que são as que mais atingem a população idosa espanhola. Enquanto as primeiras afectam mais as mulheres, os tumores e as doenças respiratórias são mais relevantes nos homens, enquanto as do foro circulatório afectam de forma semelhante os dois sexos.

No terceiro sub-tema (“Despoblación y reconfiguración territorial”) parece-nos pertinente o texto de Lorenzo López Trigal (pp. 529-546), “Despoblación y reconfiguración territorial en España”. Começa por frisar a utilização indevida de alguns termos, que perdem todo o sentido em Geografia, nomeadamente, o de “despovoamento” e o de “desertificação”. O despovoamento pressupõe a diminuição da população causada, essencialmente, pela emigração. A desertificação, palavra utilizada em Geografia Física, só pode ter sentido em Geografia Humana quando um núcleo de população, por abandono ou por qualquer outra causa, perdeu os seus habitantes e ficou vazio, despovoado (p. 529). Continua mostrando a cartografia para 2007 da densidade populacional em Espanha (p. 531 e p. 532) e o aumento do número municípios que vêm assistido, de forma sistemática, a densidades

muito baixas (inferiores ou iguais a 50 hab./Km²). Em Espanha, o período de maior êxodo rural correspondeu ao período entre 1960 e 1981. Seguidamente, reporta-se ao caso específico de Castilla-Léon.

No último sub-tema, de cariz mais técnico, porque centrado nas questões mais metodológicas, são cobertas várias problemáticas, mas sobressai a questão

da acessibilidade em vários textos, como o de José A. Gutiérrez Gallego e Pablo G. Domínguez (“Accesibilidad de la población a las aglomeraciones urbanas de la Península Ibérica” – pp. 747-760) e o de Francisco Javier Jaraíz Cabanillas (“Accesibilidad, concentración poblacional y abandono rural en la raya central ibérica” – pp. 761-771), que valem pela metodologia que avançam para abordar a questão da acessibilidade.